

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS –
HOMENAGEM A JOSÉ LOPES
11 de dezembro de 2020

ENSEMBLE JER, OS ANOS 90 / 1992-1999

de Leonor Areal (compilação)

Autoria e Produção: José Eduardo Rocha, para o canal YouTube do grupo artístico-musical de Lisboa Ensemble JER (não creditado) / Compilação: Leonor Areal / Edição: José Eduardo Rocha e Leonor Areal (não creditados) / Filmagem: Leonor Areal, Paulo Cancela Abreu e Adriana Areal Calvet (não creditados) / Colaboração Técnica: Nuno Mourão e Ricardo Reis (não creditados) / Cópia: Ficheiro, a cores, sem diálogos / Duração: 7 minutos / Inédito Internacionalmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

DÁ-ME UMA GOTINHA DE ÁGUA / 2013

de José Oliveira

Realização: José Oliveira / Interpretações: Maria Petersen, Marta Ramos, José Lopes / Cópia: Ficheiro, a cores, sem diálogos / Duração: 5 minutos / Inédito Internacionalmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

VERNIZ / 2018

de Clara Jost

Realização: Clara Jost / Argumento: Bruno Teixeira / Direção de Produção: Rui Ferreira / Direção de Fotografia: Rosa Vale Cardoso / Montagem: Tiago Campos / Interpretações: António Júlio Duarte, Dennis Correia, Gabriel Margarido Pais, José Lopes, Marianne Harlé, Marília Villaverde Cabral, Roxana Lugojan, Simão Godinho / Direção de Som: Tiago Pereira / Guarda-roupa: Erica Seidi / Montagem e Mistura de Som: Marcelo Tavares / Cópia: DCP, a cores, falado em português e com legendas em inglês / Duração: 14 minutos / Estreia: abril de 2019, CórteX – Festival de Curtas-Metragens de Sintra / Primeira apresentação na Cinemateca.

IR E VIR / 2011

de José Oliveira

Realização: José Oliveira / Interpretações: José Lopes / Cópia: Ficheiro, a cores, sem diálogos / Duração: 7 minutos / Inédito Internacionalmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

ADEUS LISBOA / 2012

de João Rodrigues

Realização: João Rodrigues / Imagem: Diogo Sequeira, João Rodrigues, Tiago Costa / Som: Tomé Costa / Interpretações: José Lopes, João Rodrigues / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em português / Duração: 21 minutos / Estreia: 17 de setembro de 2013, na Cinemateca Portuguesa, com nova passagem na Cinemateca Portuguesa no dia 19 de abril de 2017.

MAIO MADURO MAIO / 2015

de José Oliveira

Imagem e Realização: José Oliveira / *Interpretações:* Marta Ramos, José Lopes / *Som:* Pedro Rufino / *Montagem:* Marta Ramos, José Oliveira / *Cópia:* Ficheiro, a cores, sem diálogos / *Duração:* 9 minutos / *Estreia:* 19 de abril de 2017, na Cinemateca Portuguesa.

LONGE / 2016

de José Oliveira

Realização: José Oliveira / *Imagem:* Manuel Pinto Bastos / *Som:* Pedro Rufino / *Montagem:* José Oliveira, Marta Ramos / *Montagem de Som:* Bernardo Theriaga / *Mistura de Som:* Tiago Raposinho / *Correção de Cor:* Rita Lamas / *Intepretações:* José Lopes, Manuel José Martins, Rui Carvalho, Carlos Carvalho, António Carvalho, Nelson Fernandes, Dulce Pascoal, Luísa Braga, Hélder Castro, Marta Onofre, Miguel Figueiredo, Inês Lopes / *Produção:* Abel Ribeiro Chaves / *Produção Executiva:* Daniel Pereira, Marta Ramos, José Oliveira / *Assistência de Produção:* Mário Fernandes / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português e com legendas em inglês / *Duração:* 37 minutos / *Estreia:* agosto de 2016, Festival de Locarno, com passagem na Cinemateca Portuguesa em 15 de dezembro de 2016 e 16 de abril de 2017.

Duração aproximada da projeção: 100 minutos.

Com as presenças de José Oliveira, Mário Fernandes e Marta Ramos.

*O meu coração não tem jeito,
na hora da despedida.*

A vida é uma merda. E a vida é bela. O José Lopes morreu. E o José Lopes não morreu. Ele enchia o espaço com a sua presença, umas vezes de coração aberto, oceânico, para nos abraçar a alma, outras vezes enraivecido, zangado com o mundo que o incompreendia. Mas o mundo do cinema – o grande Cinema que incandesce a tela de salas como a Félix Ribeiro – sempre foi hospitaleiro para este *maverick*, ator desterrado, homem livre e desalinhado que condenava com veemência o que lhe parecia ser falso e inautêntico. Às vezes, nas entrelinhas do seu discurso, parecia que o ouvia clamar aos sete ventos, fazendo do mundo o seu palco: “a vida é uma merda e a vida é bela!” Também parecia que o ouvia dizer logo a seguir: “E viva o cinema!”

O ator e o homem, dois poços fundos de onde emanava doçura, generosidade (sobretudo no olhar) e – não é “mas”, é “e” – uma furiosa vulnerabilidade que se convertia por vezes em gestos bruscos ou frases inflamadas dirigidas a toda a gente e a ninguém. A espaços, o José Lopes, ator “poderoso e solar”, como o descreveu a atriz e amiga Silvina Pereira (em publicação numa rede social, intitulada «José Lopes – O bardo do nosso tempo» e que me foi gentilmente recomendada por Leonor Areal), “ardia por dentro”. Assisti a momentos desse intenso queimor, quase “patético” no sentido teatral (e eisensteiniano) do termo – o José não era alto, terá sido sempre um “peso pluma”, ágil e ligeiro como um comediante *slapstick*, e, mesmo quando “ardia”, os seus olhos tristes nunca mentiam acerca da tal doçura. Certo é que nele senti sempre essa eletricidade (chamemos-lhe “carisma”) vinda de um ator/homem puxado por uma tempestade indómita que o arrastava, como aquelas rabanadas de vento que puxam e dominam os movimentos do igualmente ligeiro Buster Keaton em

Steamboat Bill, Jr. (1928), no sentido do palco de uma tragédia a que parecia estar condenado.

Costumamos dizer que os atores – ainda mais os do cinema – são imortais. Mas parece-me que José Lopes gostaria de ser recordado como um ator que nunca ansiou por uma qualquer forma de imortalidade, apenas como alguém que encontrou nos amigos e em gestos frágeis a retribuição possível para uma vida que – penso que sempre esteve ciente disso – o condenava ao esquecimento ou à incompreensão. Os filmes aqui reunidos são a melhor homenagem possível, porque eles parecem emanar precisamente desse espírito humilde que vê a luz mais intensa no último fósforo usado e encontrado no chão. Há algo de fátuo, sussurrante, perecível no gesto que embala cada um destes títulos. Como o homem, também eles estão cientes do seu destino, mesmo que este apenas lhes reserve o oblívio. Como o homem, também eles descobrem a sua razão de ser, terna e eterna, no tempo e na matéria que os preenche, isto é, na amizade, na solidariedade e num certo amor ao mundo que parece provir tanto de António Reis ou de Straub/Huillet como de John Ford ou Pedro Costa.

Nenhum destes filmes procura ser o que não é, tão-pouco finge ser outra coisa que não apenas o que mostra, pequenos e quebradiços gestos, encontros ou reencontros entre pessoas (pessoas que homenageiam a camaradagem) num ir e vir caloroso dos mesmos sentimentos. Sobre isto em particular, não me ocorre propriamente Reis ou Pedro Costa, Straub/Huillet ou John Ford, porque, nestes filmes, ou a partir deles, gera-se uma errância dolorida que era muito, mesmo muito, do José Lopes. Portanto, estes filmes são mais o José Lopes do que “contam com ele”, partilhando com o homem e o ator – o homem que nunca deixou de ser um ator e um ator que nunca deixou de ser o homem – essa maneira de viver cada segundo como a expressão terna e pesarosa de uma despedida.

Falei em encontros e reencontros, no aqui cantado “ir e vir” da vida – é este, enfim, o movimento essencial que embala estes filmes, a busca por uma qualquer forma de reparação na companhia, no amplexo ou na canção cantada entre amigos, pois a música abraça, às vezes com a força de um urso, a solidão, aquecendo e dando guarida aos espíritos desassossegados, desterrados. Disse-me a realizadora Marta Ramos, numa troca de *e-mails*, que este “irmão de canções” e “camarada de luta” fazia tudo por inteiro, “de corpo e alma como se costuma dizer”. Contou-me ainda: “No **Ir e Vir**, a guitarra e ele são uma barca, são o mar, a tempestade. Era sempre a canção que se pedia no início da noite e que ele só dava quando estava ‘preparado’ para ela. Uma entrega, uma necessidade, como se fosse preciso o momento certo para fervilhar com aquela emoção e a ela sobreviver.”

We can't go home again – José Lopes e, por ele ou nele, o cinema de José Oliveira, Marta Ramos, João Rodrigues e Clara Jost fazem das ideias de viagem e de regresso os elementos principais do “movimento da vida”. Propicia-se, por um lado, um regresso ao mundo e, por outro, ou ao mesmo tempo na realidade, reativam-se as lições primordiais do grande cinema – das errâncias chaplinescas ou renoirianas (de Charlot e de Boudu) ao sentido celebratório (Lumière) e ao lirismo trágico que nos devolve às raízes da vida, ao *humus* da terra (o Ford de **Young Mr. Lincoln** [1939] e o Griffith de **Enoch Arden** [1914], por exemplo, que exemplos!)... entre tudo isto, aplacando aquelas rabanadas de vento, José Lopes marca encontros que prometem

abrir a porta dessa tal casa que – no fundo, no fundo, ele sempre o soube, parece-me – nunca mais vem, nunca mais será, aqui, neste mundo, *home*.

A promessa da casa – que atravessa, melancolicamente, como uma brisa, cada um destes filmes, mesmo ou mais que todos os outros, “os musicais” (incluindo, claro, as imagens “encontradas” das suas atuações para o grupo musical Ensemble JER) – habita o movimento das diferentes narrativas. São filmes que vêm de longe para contar histórias de homens imperfeitos mas livres, *lusty men* caracterizados por uma muito própria “fúria de viver”. O seu idioma secreto é o da despedida. São filmes imersos nas lições do cinema clássico: “clássico” significa repetição, no sentido em que há um reconfortante regresso “do mesmo” e que esse “mesmo” nasce, cresce, floresce e fenece – tudo isto a cada regresso, oferecido ao espanto que eternamente se renova nos espíritos, grandes porque sensíveis, dos espectadores. A vida acabou, encontrou o seu último destino nestas imagens – a casa de José Lopes agora é esta, está encontrada a sua *home*. Batamos à porta da nova morada – as imagens projetadas como *last stop* – e façamos um pouco mais de companhia ao Zé Lopes. Ele vai gostar.

Luís Mendonça